

DIVERSIDADE E POTENCIALIDADES DA ANÁLISE E DO ENSINO DE GÊNEROS DO DISCURSO

Juliana Alves Assis

Ev'Ângela Batista Rodrigues de Barros

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professora e coordenadora do Programa de Pós-graduação em Letras.

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais. Professora do Departamento de Letras, colaboradora do Programa de Pós-graduação em Letras. Coordenadora Adjunta do CESPUC.

Quando um rio corta, corta-se de vez o discurso-rio de água que ele fazia;
cortado, a água se quebra em pedaços, em poços de água, em água parálitica.
Em situação de poço, a água equivale a uma palavra em situação dicionária:
isolada, estanque no poço dela mesma, e porque assim estanque, estancada;
e mais: porque assim estancada, muda, e muda porque com nenhuma comunica,
porque cortou-se a sintaxe desse rio, o fio de água por que ele discorria.

(João Cabral de Melo Neto)

Sabia e poeticamente, João Cabral nos lembra de que não só sujeitos podem perder sua capacidade de entabular discursos, de se fazerem ouvidos e de se expressarem... Em “Rios sem discurso”, ele tece bela analogia entre o discurso-rio de água e o discurso-enfrasado dos humanos. E o discurso, algo que nos é aparentemente tão natural e corriqueiro, é, simultaneamente, uma (realiz)ação extremamente complexa. De fato, os liames da tessitura do discurso têm sido investigados desde épocas remotas: Aristóteles já se preocupava com os mecanismos de construção do discurso e estratégias retóricas desde a Antiguidade, por perceber quão relevante é a argumentação (digamos, a *enunciação*) para a existência quer do homem como indivíduo, quer da sociedade enquanto construto cultural e social. A linguagem é constitutiva

do *ethos* de um grupo, é veículo da propagação e consolidação de crenças, representações e outros traços culturais de uma comunidade. Sob novas abordagens epistemológicas, o discurso tem sido tema recorrente em inúmeros estudos, de renomados pesquisadores, no Brasil e em outros países.

A pluralidade – traço idiossincrático da formação identitária de um povo – , tão característica no caso da formação da própria ideia de “povo brasileiro”, é marca imbricada em sua língua e manifestações culturais. Com diferentes nuances (regionais, culturais, socioeconômicas, profissionais, etc.), instauram-se nos relacionamentos interpessoais diferentes práticas languageiras, que, se consolidadas e reconhecidas como tal, constituem gêneros discursivos que passam a fazer parte da história individual e coletiva de determinado grupo de falantes. Isso porque tais práticas passam a mediar a relação que o falante estabelece, em suas circunstâncias e esferas de atuação, consigo mesmo e com os demais atores/interlocutores, por meio do discurso.

Para Fairclough (2001), “o sujeito social que produz um enunciado não é uma entidade que existe fora e independentemente do discurso, como a origem do enunciado, mas é, ao contrário, uma função do próprio enunciado” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 68). Assim, o discurso é prática eminentemente social, em que um “eu” instaura um “tu”, numa relação de responsividade (tão bem desenhada pelos estudos do chamado Círculo de Bakhtin) na qual os papéis se vão alternando. E é nessa interação que se constituem relações de poder, de simetria ou assimetria, de reciprocidade ou antagonismo; assim, os sujeitos constroem seus discursos e, simultaneamente, por eles são constituídos.

Como prática social e coletiva, toda produção discursiva faz ressoar uma verdadeira polifonia (vozes que dizem ou não dizem e, ao fazê-lo, de uma ou outra forma, se dão a conhecer), uma diversidade de posicionamentos, de tipos e modos de constituição textual, que ora nos soam corriqueiras, ora provocam estranhamentos. Assim, como existem multifacetadas relações e perspectivas unindo um *eu* e um *tu* por meio de situações concretas de materialização da linguagem, abordar teoricamente o conceito de discurso e dos inúmeros gêneros em que se transfigura evidencia nuances dessa complexidade, atravessada pelas ideologias, pela similitude, choques e mesmo contradições de perspectivas, capazes de também atravessar e marcar os recursos linguísticos (BARROS, 1997; MUNIZ JR., 2009). Tudo isso remete à complexidade do fazer discursivo;

na verdade, em sua origem, o termo “complexo” nos remete a uma teia em que se (entre)tecem fios; da mesma maneira, tal analogia se aplica ao discurso.

O processo de discursivização inequivocamente é complexo, na mesma proporção em que o são os posicionamentos enunciativos, as situações de enunciação, os motivos (intenções) para se dizer algo de uma determinada forma – e não de outra. Em decorrência, os sentidos sociais, culturais, ideológicos *etc.*, atribuídos a um discurso nem sempre se revelam de forma simples e evidente: buscar resgatar um pouco das condições em que tal discurso foi engendrado e em que esferas (espaciais, temporais, sociais, etc.) circulou pode nos ajudar a perceber quais outros interdiscursos ali se fazem presentes, de forma ora insinuada, ora escancarada; com quais outros discursos o exemplar em foco dialoga ou (res)suscita?

Desta forma, a análise de qualquer texto, materializado sob determinado gênero, exige o uso de uma lente que enxergue o aspecto inextricável do dialogismo que lhe é inerente. Noutros termos, temos aí “subsídios para analisar toda e qualquer intervenção textual a partir do pressuposto de que há “outros” inscritos nessa textualização” (MUNIZ JR., 2009, p.10).

Vislumbrado no efeito obtido, no texto construído, a constatação da seleção operada pelo enunciador – e sua contrapartida pressuposta, a exclusão (de itens, de estruturas, de estratégias) –, o silenciamento / ocultamento *versus* a explicitude, a opção pela simplicidade ou pelo rebuscamento, pela materialização sob um gênero este ou aquele, tudo isso passa a nos informar sobre o mundo real ou sobre mundos virtuais criados discursivamente; nos permite percorrer uma teia hipertextual, por nos remeter a discursos prévios; e, nesse processo, nos informa sobre nós mesmos e sobre o outro, que se faz inexoravelmente presente no momento da enunciação. Enfim, como objeto de análise e objeto de ensino, o discurso e os gêneros de discurso oferecem farto material de estudo a pesquisadores/professores que veem, na melhor compreensão de sua constituição, fonte indispensável para melhorar o instrumental de trabalho docente – próprio ou de outrem, seja na educação básica, seja no ensino superior ou na pós-graduação.

Considerando este preâmbulo, podemos afirmar que a presente edição dos **Cadernos CESPUC de Pesquisa**, fiel à sua vocação de trazer à luz bons trabalhos discentes desenvolvidos em disciplinas da graduação, do Programa de Pós-graduação

em Letras da PUC Minas, bem como de outros Programas, descortina uma série de reflexões sobre alguns dos vários gêneros que circulam socialmente, seja no âmbito da escola, seja em outras esferas sociais, que conclamam o falante a se posicionar como sujeito (em relação a suas práticas discursivas) e como cidadão (no que tange a seu posicionamento político, cultural, etc.)

Sob o escopo do instrumental teórico aportado pelo Interacionismo Sociodiscursivo (doravante, ISD) ou pela Análise do Discurso (AD), os diferentes recortes escolhidos por seus autores discutem potencialidades de compreensão de algumas práticas discursivas comuns entre nós e, para além disso, das possibilidades de didatização de certos gêneros do discurso até o momento bastante marginais na ambiência escolar. Consolidado o trabalho com o gênero “notícia”, que dizer da “pseudonotícia”? A opção por textos que escolhem o humor como constitutivo quebra com a necessária seriedade/sistematicidade que deve ser atribuído ao ensino linguístico? Melhor abordar gênero popular como o cordel ou algo mais acadêmico? Enfim, são múltiplas as possibilidades, múltiplas as realidades em que se inscrevem os professores brasileiros – conhecer algumas delas justifica, *per si*, o esforço envidado pelos muitos pesquisadores que ora comparecem neste volume. E, de quebra, nos permite antecipar que a seleção de um gênero não necessariamente implicará a exclusão de outro, se considerarmos que há um contínuo entre determinados gêneros orais e escritos (cf. Marcuschi 2002), que muitos gêneros contemporâneos trazem em seu bojo as marcas de vários gêneros precedentes (hibridização), enfim, que, desde que haja consciência da clientela com que o professor lidará, “o céu é o limite”...

Neste volume, de maneira dialógica, os onze artigos que o compõem fornecem um instigante exercício metacognitivo sobre práticas discursivas contemporâneas corporificadas em gêneros. Para que os possamos conhecer mais a fundo, seus autores buscam, iluminando as representações em que estes se configuram e por meio das quais existem de forma concreta para seus “usuários”, explicitar sua forma de construção – sua tessitura. Como reiteram vários destes autores aqui reunidos, no plano de trabalho do ISD, tomando a Bronckart (2008) como um de seus grandes expoentes, os textos são a materialização concreta, palpável, das nossas atividades languageiras. Eles são “unidades comunicativas globais, cujas características composicionais dependem das propriedades de

situação de interação e das atividades gerais que comentam, assim como das condições histórico-sociais de sua produção” (BRONCKART, 2008, p.113).

A variabilidade de tamanhos e configurações, do uso de outros recursos (verbo-visuais, por exemplo) é decorrência de adaptações necessárias a situações comunicativas específicas. Não obstante, para esse grande teórico, qualquer que seja o gênero a que nossas práticas nos conduzam, naquele contexto específico de enunciação, é possível depreender três camadas hierarquicamente superpostas – a infraestrutura, a coerência temática e a coerência pragmática. Para melhor compreensão dessa ideia, o autor concebe o gênero como um “folhado” – analogia que será explorada em vários dos artigos desta coletânea. É possível pensar no “folhado” como algo em que determinadas partes vão se superpondo, mas o que o torna um todo orgânico é, exatamente, o grau de adesão (ou coesão) entre cada uma destas camadas.

Partindo da premissa de que não há qualquer texto que seja um construto monolítico e estático, mas antes uma produção cujo dinamismo se revela em etapas, diante do olhar perscrutador do analista (e, quiçá, dos alunos da educação básica, a partir de um trabalho mais crítico e construtivo por parte dos professores de língua materna), no primeiro artigo, Ana Paula Bovo, Andreia Moreira e Viviane Raposo nos apresentam um estudo sobre o funcionamento, a constituição e a natureza do gênero conto. Em “Da prática situada à prática transformada: o conto “Noventa e três” à luz do dialogismo bakhtiniano na perspectiva da pedagogia dos multiletramentos”, as autoras focalizam o conto “Noventa e três”, de Mia Couto, analisando-o sob o enfoque teórico-metodológico da pedagogia dos multiletramentos: nessa perspectiva, cabe ao professor de língua materna ajudar os aprendizes a “reprojetarem” suas práticas discursivas, de forma situada e crítica, o que confere significação à elaboração e estudo dos gêneros, por meio de projetos de trabalho. Dessa forma, “os discentes têm a oportunidade de realizar a interpretação do contexto social e cultural dos projetos de forma crítica, o que os levará ao movimento de um contexto cultural para outro por meio da prática transformada”.

Em seguida, em diálogo com o precedente, Ana Carolina Almeida e Pâmela Oliveira apresentam os resultados de uma pesquisa cujo *corpus* foram três artigos extraídos das versões *on-line* dos jornais **BBC Brasil** e **Folha de S. Paulo**. Em “Mecanismos enunciativos: o jogo das vozes e das modalizações em artigos

de divulgação científica publicados no âmbito jornalístico”, as autoras analisam o gerenciamento das vozes enunciativas e das modalizações que posicionam, dialeticamente, enunciador e enunciatário e projetam a orientação dada à exploração do conteúdo temático veiculado, em consonância com os propósitos comunicativos dos enunciadores. À luz dos pressupostos teórico-metodológicos do ISD e da noção de “folhado textual” (BRONCKART, 1999), salientam para o leitor, em cada passagem, marcas linguísticas implícitas e explícitas, e verificam “como as vozes e as modalizações são distribuídas e orquestradas”, mostram como a predominância de determinada modalização (lógica, deôntica, apreciativa ou pragmática) concorre para a produção e veiculação de determinado sentido.

Ainda na esfera do suporte jornalístico, Karine Silveira traz análise de um gênero ausente ou subaproveitado na escola brasileira: a pseudonotícia. Em “Falsas notícias humorísticas: um estudo do gênero à luz do ISD e da Linguística Textual”, Silveira parte do valor do humor (já reconhecido e tão disseminado por linguistas conceituados como Sírio Possenti, em obra como “Os humores da língua”) como constitutivo de gêneros emergentes, porém de grande potencial de uso na escola básica.

Assim como as piadas, provérbios e outros calcados no humor, as falsas notícias humorísticas (no caso do *corpus* em tela, três sobre a Copa do Mundo de 2014, disputada no Brasil) partem de temas sérios e controversos para despertar criticidade. Tomando para análise a infraestrutura dos textos, seus mecanismos de textualização e formas de constituição linguístico-pragmática (expressões nominais referenciais e atributivas), a autora se propõe a subsidiar a criação de oficinas de leitura e análise de textos humorísticos nas aulas de Língua Portuguesa, visando à formação de um leitor crítico.

O artigo seguinte, de Carlos Luiz Alves, intitulado “Processo ‘metonímico’ de referenciação e categorização presente em um material publicitário” discute a parceria, existente em vários gêneros socialmente relevantes, entre recursos linguísticos e verbo-visuais, fáticos, que concorrem para aprimorar o processo interacional, instaurando um eficaz modo de referenciar e categorizar objetos de discurso. À luz dos pressupostos da Linguística Textual (LT) e da Análise do Discurso (AD), o autor busca descrever, a partir da exploração de um exemplar de texto publicitário (das Bolas Penalty), “como os referentes sofrem mudanças de sentido por meio de

1 Material criado para atender aos cursos de formação de professor a distância da Universidade Aberta do Brasil, produzidos pela Universidade Estadual de Montes Claros, segundo nota da autora.

processos metonímicos (marca/produto) em uma progressão textual”. Ao fazê-lo, deixa clara a relação entre o texto e seu contexto de engendramento, a saber o período que precedeu a Copa do Mundo, em 2014.

O quinto artigo, “Uma análise da organização retórica do texto “Apresentação”, extraído de cadernos didáticos produzidos para o Curso de Letras/Português da UAB/Unimontes”, de Maria Cristina Ruas de Abreu Maia, desvela os mecanismos constitutivos de um conjunto de cinco textos denominados “Apresentação”, integrantes de um material para formação docente a distância¹, o “caderno didático”. A pesquisadora investiga se, embora extraídos de cinco cadernos diferentes, as apresentações trazem os mesmos elementos característicos (linguísticos, organizacionais, retóricos, *etc.*). Seu foco é constatar se, a despeito da diversidade de autoria, há um conhecimento tácito sobre a organização e funcionamento desses gêneros textuais característicos do universo acadêmico e profissional. Constatadas diferenças e similaridades de estilo, a autora discute sua tese de que há, efetivamente, traços regularizados na escrita do gênero “Apresentação”, em razão de seu propósito sociocomunicativo e do seu âmbito de circulação.

No sexto artigo, “Perspectivas teóricas e o trabalho com a produção de texto na coleção de livros didáticos **Produção de texto para o ensino médio**”, Jaqueline Teodora Costa, também voltada para a ambiência escolar da educação básica, investiga, numa coleção de livros didáticos, o tratamento dado à produção de texto. Move-a o objetivo de verificar o grau de coerência entre as atividades propostas e os pressupostos teóricos apresentados pelas autoras como balizadores do trabalho desenvolvido nos livros didáticos. Tendo as autoras elencado as categorias gênero textual, situação de produção e, principalmente, interlocutores e suas intencionalidades como cruciais para o trabalho com a produção textual, por serem elementos que interferem no processo enunciativo e determinam como este será, a investigação apresentada buscou verificar “se o trabalho com a escrita, proposto nessas atividades, leva, realmente, em consideração o fato de que a linguagem é um sistema de caráter interacionista, em que o enunciador se constitui na relação que estabelece com o enunciatário por meio da palavra”. Respalda pelos documentos parametrizadores do ensino básico brasileiro, como os Parâmetros Curriculares Brasileiros (PCN), os resultados indicam atendimento parcial dos pressupostos teóricos explicitados pelas autoras. Uma leitura sem dúvida relevante para os professores de língua materna.

Na sequência, Regina Aparecida de Moraes discute como um gênero até o momento bastante incipiente na escola básica poderia contribuir imensamente para a formação linguística (e por que não, literária) dos aprendizes. Em “O cordel e suas possibilidades no ensino da linguagem: formação humana, diversidade e cultura”, a autora reflete sobre a relevância deste gênero para desenvolvimento não só de conteúdos curriculares, mas também de formação da sensibilidade e alteridade, antevendo a riqueza de processos metodológicos, (a didatização de gêneros emergentes ou marginais no contexto escolar; o estabelecimento de relações dialógicas significativas do cordel com outros gêneros, por exemplo, por meio do desvelamento de interdiscursos que compõem sua composição, de referências intertextuais que ajudam a “ler a realidade”, *etc.*), para o ensino de Língua Portuguesa focado no desenvolvimento de competências comunicativas dos educandos.

O artigo seguinte, “Saraus contemporâneos: a importância dos saraus como espaço político de socialização”, traz as vozes de quatro alunas da graduação em Letras, que se debruçaram sobre uma interessante estratégia para ensino/aprendizagem artística, linguística e literária. Fransuelen Geremias, Leila Radic, Mateus Gomes e Paulo Marcus Fonseca descrevem os saraus – “reuniões de pessoas que têm algum vínculo com a arte e com a cultura, sendo essas reuniões, por muitas vezes, de caráter informal” – e buscam entender qual a importância destes encontros como espaços políticos de socialização, os quais podem influenciar na construção do pensamento político do indivíduo. Por meio de dados empíricos, obtidos da assistência a um evento e da entrevista a participantes. Destacam a relevância dos saraus (que, historicamente, tiveram grande prestígio na propagação cultural da então sociedade brasileira em formação) e deixam entrever possibilidades de maior utilização de seu potencial para o ensino linguístico e literário na educação básica.

Zeneide Carvalho, na sequência, apresenta uma reflexão, à luz do ISD, com o instrumental de análise da abordagem sociodiscursiva bakhtiniana, a análise de uma crônica: “Piscina”, de Fernando Sabino. Em “Interacionismo discursivo: relação teoria/prática”, busca averiguar aspectos que constituem a “arquitetura interna dos textos”, focalizando a infraestrutura geral do texto em tela e seus mecanismos de textualização: conexão, coesão nominal. Chamando à interlocução outras importantes vozes da linguística nacional e internacional, como Bronckart (1999), Apotheloz (1995), Koch (2002), Pisciotta (2003), entre outros, evidencia, de

forma detalhada, por que o texto “Piscina” ancora partes da estrutura de um “folhado”, bem como é um exemplar prototípico do texto narrativo.

No décimo artigo, “Vá em frente”: seja um professor”, Maria Alzira Leite parte de duas perguntas aparentemente banais - O que é ser professor? Você incentivaria um jovem a seguir a carreira docente? – e mapeia, por meio dos discursos dos entrevistados, vários aspectos de grande complexidade que cercam a autoimagem /autoestima e o fazer desse profissional. Como a autora afirma, responder reflexivamente tais questões “implica, também, questionar as práticas, mobilizar emoções e desequilibrar representações já consolidadas”. Por meio do desvelamento e discussão de certas representações sociais bastante arraigadas no ambiente da educação brasileira, convida o leitor a desautomatizar certos conceitos e a avaliar posicionamentos, com base na apreensão de mecanismos pelos quais certas crenças se ancoram em nossa memória discursiva.

Por fim, o décimo primeiro artigo, “A redação do ENEM como gênero textual-discursivo: uma breve reflexão”, traz alentada discussão sobre algo que nos é tão familiar e ainda, paradoxalmente, tão cheio de lacunas à compreensão dos que trabalham com o ensino médio, preparando jovens aprendizes para o exame nacional que se configurará (ou não) como um passaporte para um futuro promissor.

Para os autores, Daniela Prado e Rodrigo Morato, a partir mesmo das “orientações parametrizadoras do ensino de linguagens”, há um consenso sobre o uso, a expectativa de constituição e a forma de análise de certos recursos na produção textual para avaliações sistêmicas, como, por exemplo, o ENEM. Por meio do recurso ao aporte sobre o conceito de gêneros discursivos na visão bakhtiniana e da escola de Genebra, os autores se dedicam à investigação em uma coletânea de redações para o ENEM. Fazem-no com o intuito de evidenciar que o gênero “Redação do ENEM” já é algo consolidado, reconhecível, apresenta estruturas relativamente estáveis, e, pode-se acrescentar, revela em si as expectativas de quem a tal prática enunciativa se dedica – seja como aluno-enunciador, seja como professor-corretor. Como Bakhtin (1999) salienta, as relações entre linguagem e sociedade são constitutivas, indissociáveis, altamente marcadas por seu caráter ideológico e, portanto, passíveis de um desvelamento que pode tornar aqueles que atuam nessa esfera discursiva produtores e receptores textuais mais críticos, menos manipuláveis.

Com esse rico acervo de textos, acreditamos que a presente edição dos **Cadernos CESPUC de Pesquisa** em muito contribui para um olhar menos ingênuos sobre práticas discursivas importantes, seja na esfera acadêmica ou profissional, mas de qualquer forma, na esfera de atuação de cidadãos. Num momento de crise em diversas instituições, que se evidenciam em tantas dimensões do cotidiano, não só na sociedade brasileira como em tantos países mundo afora, saber ler além das letras – ler a “palavramundo” (e não apenas decodificar a “palavraletra”), já nos incitava Paulo Freire há tantas décadas, faz todo sentido. Descobrir os “folhados” de tantos gêneros de cuja existência somos autores ou leitores, perceber os sentidos e ideologias de que se encontram eivados é um passo importante para potencializarmos intervenções – nos discursos e nas práticas linguageiras, mas também nas atuações sociais.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. "Os gêneros do discurso". In: **Estética da criação verbal**. Tradução de Paulo Bezerra. 6ª edição. São Paulo: Martins Fontes, 2011 [1929], pp. 261 – 306.

BARROS, Diana Luz P. Contribuições de Bakhtin às teorias do discurso. In: BRAIT, Beth (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção do sentido**. Campinas: Ed. Unicamp, 1997.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividades de Linguagens, texto e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo**. Tradução de Anna Rachel Machado e Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 1999.

BRONCKART, Jean-Paul. **O agir nos discursos: das concepções teóricas às concepções dos trabalhadores**. Tradução de Anna Rachel Machado e Maria de Lourdes Meirelles Matencio. Campinas, SP: Mercado de letras, 2008.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Brasília: Ed. UnB, 2001.

MUNIZ JR, José de Souza. A intervenção textual como atividade discursiva: considerações sobre o laço social da linguagem no trabalho de edição, preparação e revisão de textos. Trabalho apresentado no Intercom. Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - XXXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação - Curitiba, PR – 4 a 7 de setembro de 2009. Texto disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2009/resumos/R4-1079-1.pdf>.